RELÓGIO – INIMIGO OU ALIADO?
CRÔNICA REFLEXIVA

O agora é o que importa

Por Gislaine Buosi

Nem bom, nem mau – ou seja, nem aliado, nem tampouco inimigo. O relógio é. E sempre foi, sempre será.

Filosofia à parte, é preciso dizer que o tempo corre, arrasta-se. Quer sejamos crianças, quer sejamos jovens ou adultos, sem que nos avise, o tempo como que nos ultrapassa, em meio à calmaria ou à pressa de todos os dias.

O primeiro dente, a primeira bicicleta, a primeira queda, o primeiro curativo, o primeiro caderno... lembro-me de tudo disso! Sei que o relógio, implacável, frio e decidido, assistiu a tudo, sem qualquer sintoma de empatia, sem sobressaltos.

Pensar no correr do tempo não é algo tranquilo – por vezes, dói, consideradas pessoas e coisas que se perdem pelo caminho – uma bola de futsal, um ídolo do futebol. Contudo, ainda que um esbarrão derrube o relógio, o tempo não se quebra, não adia sua missão.

"Que brincadeira mais fora de hora!", foi o que disse minha avó esses dias, quando eu apareci e, do nada, "Buuu!"; ela se assustou. E então lhe perguntei: "E quando é dentro da hora pra brincar, vovó?" Ela ficou sem resposta.

Criancice de lado, reconheço a dificuldade e, ao mesmo tempo, a delícia que é administrar o tempo, em especial quando se leva em conta a agenda – cinco dias de aula, dois de descanso. O universo se descortina em cinco dias, e então calculadoras, mapas e portais de notas nos atropelam, cada qual buscando seu lugar no cérebro e no coração.

Em meio a tudo isso, o cachorro, o cinema e o bolo de cenoura repartido em família também reclamam, exigem, imediatamente, um tempo bom. Entre o antes e o depois, o agora é o que importa, sem prazos nem limites.

É isso: o relógio não para, o tempo não quebra, a vida não espera.